

FICÇÃO CIENTÍFICA: O ESCRITOR E O LEITOR (DES)AUTORIZADOS PELA CIÊNCIA

Verônica Alves dos Santos Conceição¹

Resumo: O estudo defende a existência de uma aproximação entre dois campos do saber, o literário e o científico, através da narrativa de ficção científica mediada pelo leitor e o escritor (des) autorizados pela ciência. Assume como temática entender em que medida a ficção problematiza a ciência a partir das relações socioculturais entre a ciência e o homem. Se constitui como uma revisão bibliográfica de base teórica. Os conceitos foram levantados de teses, livros, artigos completos de periódicos e de anais de eventos, buscando conversar com autores como Eco (1989), Ricouer (1989, 2011), Goulemot (2001), Barthes (2004) Piassi (2007; 2013), Luciano Levin (2014), Santos (2015) e Ferneda (2015). Como resultado, constatamos que a ciência pode utilizar-se da literatura para promover a educação científica ao passo que a literatura agrega ao conhecimento científico o valor cultural, questiona a ciência acerca dos seus valores éticos e biológicos.

Palavras-chave: Ficção científica; ciência; leitor; escritor.

Introdução

A ficção científica costuma ser alocada pela crítica literária como uma subdivisão da tipologia narrativa do romance por trazer na sua essência um predomínio à imaginação e uma diluição da realidade observada. Apesar de construir sua trama a partir de preceitos científicos, é rejeitada por alguns cientistas por se tratar de uma narração marcada pelo caráter fantástico e pela capacidade de envolver o leitor em um mundo verossímil. Em meio a esse dilema, a ficção científica encontra-se em um não-lugar tanto no âmbito da literatura, quanto da ciência.

Estudos recentes, com enfoque na educação em ciência, defendem a existência de uma aproximação entre os dois campos do saber, o literário e o científico, através da ficção científica. Piassi (2007), por exemplo, percebe três dimensões do conhecimento presentes nas narrativas de ficção: a conceitual-fenomenológica, a histórico-metodológica e a sócio-política. Essas dimensões colocam a ficção científica entre literatura e ciência e o escritor da narrativa como construtor do próprio processo de autorização que antever os desdobramentos de decisões científicas a partir de sua cultura e seu contexto sócio histórico.

Logo, interessamos entender em que medida a narrativa de ficção problematiza a ciência a partir das relações socioculturais entre a ciência e o homem. Onde a ciência e a literatura se aproximam e se distanciam? Como se constrói no escritor e no leitor de ficção científica o processo de autorizar-se a questionar a ciência?

Este trabalho se configura como um artigo de revisão bibliográfica, pois se propõe a apresentar, de modo breve, os conceitos de ficção científica enquanto gênero discursivo em expansão; as aproximações entre ciência e narrativa de ficção facilitadas pela presença de um escritor e um leitor (des)autorizado para problematizar as decisões no campo da ciência. Nesse sentido, é uma revisão de base teórica. Sua abrangência é temática pois envolve um recorte transversal sobre a ficção científica. Os conceitos foram levantados de livros, artigos completos de periódicos e de anais de eventos, buscando conversar com autores como Eco (1989), Ricouer (1989, 2011), Goulemot (2001), Barthes (2004) Piassi (2007; 2013), Luciano Levin (2014), Santos (2015) e Ferneda (2015).

¹ E-mail: veronica.alves604@gmail.com.

O trabalho está organizado em duas seções. Na primeira, trataremos da ficção científica e seus entremeios com a literatura fantástica e a ciência. Destacaremos as características da narrativa de ficção e suas singularidades em relação a outras narrativas fantásticas. Na segunda seção, abordaremos o escritor e o leitor da obra de ficção científica e seu processo de autorizar-se a questionar a ciência. Apresentaremos a potencialidade da ficção científica para a promoção da educação em ciência através do diálogo entre escritor e o leitor durante a trama narrativa.

A ficção científica: entre a literatura e a ciência

O lugar da ficção científica na literatura é foco de estudo da crítica literária e resulta em significativa produtividade acadêmica. Para o romancista e crítico literário, Adam Roberts (2002, p. 01), o gênero é uma subdivisão da narrativa literária e se localiza no mundo ficcional, portanto “é uma ficção mais da imaginação do que da realidade observada, uma literatura fantástica”. Enquanto literatura fantástica, assume como característica provocar o estranhamento no leitor por causa de um ou mais elementos de sua composição. O leitor, diante da narrativa, percebe a impossibilidade dos elementos fantásticos se concretizarem em seu mundo real, mesmo assim aceita a lógica da ficção como uma viagem para uma outra dimensão da existência, a ficção.

Entretanto, Roberts (2002, p. 05) entende que, no caso particular da ficção científica, os elementos da fantasia são apresentados durante a narrativa de um modo diferente. Ela rompe o modo arbitrário e sobrenatural utilizado pelas demais formas de literatura fantástica e apresenta seus elementos a partir de preceitos da racionalidade física ou material. Conforme o crítico literário, é parte da lógica da ficção científica que as “mudanças se tornem plausíveis dentro da estrutura do texto”. Para o autor, os romances dessa natureza causam o estranhamento a partir de fatos do real, por isso a ficção científica é tanto diferente quanto semelhante ao mundo real, é descontínua desse mundo ao tempo que também o confronta.

Piassi (2007) percebe o caráter realístico da ficção a partir das três dimensões do conhecimento presentes na narrativa. A primeira, a dimensão conceitual-fenomenológica que traz na trama narrativa os conceitos, os fenômenos e as leis da ciência. A segunda, a dimensão histórico-metodológica que questiona os valores éticos da prática científica. E o aspecto sócio-político, como terceira dimensão, trata das multirreferências entre ciência e sociedade. Para o autor, o que caracteriza a ficção científica é o uso de mecanismos singulares de produção ficcional que, de uma modo especial, raciocina sobre o mundo natural, questionando-o.

Logo, definir ficção científica não é uma tarefa rápida. Ferneda (2015) entende que a linha limítrofe entre o real e a fantasia é opaca. Definir a ficção científica como obra meramente fantasiosa revela as concepções de quem a define. Para o autor, a ficção científica, por mais que tenha um caráter ficcional, conduz o leitor a questões de um mundo real. As concepções, as ideias, os valores, a visão de mundo, o conhecimento e a experiência do escritor transbordam para a narrativa e o leva a contextualizar o enredo a partir de um mundo concreto. Portanto, o mundo narrado na ficção está vinculado a realidade do mundo que o escritor experiencia e que deseja partilhar com o leitor. Nesse sentido, segundo o autor, a característica predominante da ficção científica é, a partir da ilusão, nos fazer pensar sobre a realidade, os preceitos da ciência e o mundo onde vivemos e convivemos.

Afinal, como a ciência enxerga esse gênero literário? Em que medida a ciência e a literatura se aproximam e se distanciam? Luciano Levin (2014), cientista, entende que o desencontro da ficção científica com a ciência é fruto de um mal entendido generalizado que insiste em associar a ficção às ciências exatas e naturais. Fato que não só limita o mundo amplo da ciência como também nega à ficção a capacidade de incluir outras ciências, a epistemologia da ciência e a sociologia científica. Para o cientista, o elemento de estranhamento que compõe

a trama narrativa da ficção se constitui uma forma de subversão sutil às regularidades das leis cognitivas que desenvolvemos para explicar a realidade, ou seja, a ciência.

Para Luciano Levin (2014), diferente uma ficção fronteira na fantasia, a ficção científica de boa qualidade se ocupa de subverter aspectos concretos da realidade. Esses aspectos podem ser um detalhe de uma teoria historicamente fundamentada, uma alteração de uma constante física ou mesmo um conceito multidisciplinar. Ainda, conforme o cientista, a ficção científica não só pode alterar regras biológicas, físicas, químicas e matemáticas como também pode alterar conhecimentos históricos, psicológicos ou sociais. Nesse sentido, os interesses da ficção científica e os interesses da ciência são convergentes.

Na visão de Eco (1989, p. 170), “a boa ficção científica é cientificamente interessante não porque fala de prodígios tecnológicos [...], mas porque se apresenta como um jogo narrativo sobre a própria essência de toda a ciência, isto é, sobre a sua conjecturabilidade”. Assim, os elementos que caracterizam a ficção científica servem a um processo de especulação da realidade concreta de acordo com parâmetros racionais típicos da ciência. Também, cabe à ficção a função de indagar o papel e o futuro do homem, a utilidade da tecnologia vinculada à responsabilização social e ambiental.

De fato, nenhum outro gênero textual averbou o direito de indagar com tanta sagacidade a ciência e os avanços tecnológicos que marcam a nossa passagem pelo mundo. Reconhecer a relação estreita entre ficção e ciência nos leva a recoloca-la na condição de potencializadora de reflexão sobre o papel da intervenção científica no mundo.

O escritor e o leitor de ficção científica

O ato de escrita pressupõe a existência de um ato de leitura. O escritor está marcado por um conjunto de citações adquiridas em uma diversidade de contextos de leituras que ocorreram antes do processo de escrita. É nesse sentido que, para Barthes (2004), o ato da escrita não é fruto de uma entidade autoral única e exclusiva. O escritor nasce de um contexto cultural que fomenta e desenha os contornos de sua produção. Logo, o escritor é, primeiro, um leitor e para um outro leitor se projeta.

O ato da leitura envolve um processo de descoberta de sentidos na produção textual que se relaciona ao contexto pessoal do leitor e o ressignifica. Conforme Goulemot (2001, p. 108), ao lermos uma produção somos levados a buscar um sentido de conjunto, uma articulação de sentidos produzidos pela sequência narrativa. Raramente, buscamos “encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural [...]”, portanto, ler é “constituir e não reconstituir um sentido.”

Para Ricouer (2011), a leitura se constitui um momento de encontro entre o mundo do escritor e o mundo do leitor. Durante a leitura os significados são partilhados, mas não encerram em si mesmos, se multiplicam e assumem proporções variadas conforme a relação que se estabelece entre as concepções de mundo do escritor e as concepções de mundo do leitor. É nesse contexto de interação que emergem as interpretações, afinal, como diria o Ricouer (1989, p. 159), “interpretar é tomar o caminho de pensamento aberto pelo texto, pôr-se em marcha para o oriente do texto”. Logo, a literatura se constitui através da leitura.

A questão é: como se constrói no leitor e no escritor de ficção científica o processo de autorizar-se a questionar a ciência? Quando se constitui leitor e escritor de uma obra de ficção científica, os atores envolvidos constroem processos singulares e subjetivos de autorização que lhes permitem antever os desdobramentos de decisões científicas a partir de suas culturas e seus contextos sócio históricos. Ao autorizar-se, tanto o leitor quanto o escritor despertam o pensar

crítico que culmina na criação de um mundo que não pertence nem a um, nem a outro. Cria-se um mundo que só existe no momento de encontro através da ficção, um mundo que é afetado pelas dimensões subjetivas de quem o cria e recria pela via da interpretação, portanto um mundo aberto à múltiplas possibilidades de existência (SANTOS, 2015).

Ademais, seria um engano pensar que o ato de escrever uma obra de ficção científica está circunscrito aos escritores amadores e sem formação acadêmica necessária para abordar pontos da ciência. Piassi (2013), corrobora com estudiosos como Fraknoi (2003) ao argumentar que os melhores escritores de ficção científica possuem uma sólida formação em ciência. Aqueles que não possuem tal formação, se destacam por fazer do seu trabalho de produção uma literatura de valor, onde a sensibilidade da escrita extrapola com razoabilidade as descobertas científicas da atualidade.

A trama presente na escrita de ficção permite que o leitor participe como ator social dos acontecimentos narrados e possa partilhar das sensações e consequências das decisões tomadas, processo que potencializa o aprendizado e o despertar do senso crítico. Portanto, assim como Piassi (2013), entendemos que a ficção científica pode ser uma excelente forma de divulgar a ciência, não apenas pela capacidade imaginativa do leitor e do escritor, mas, principalmente, pela situação potencializadora e crítica do real experienciada pelo leitor e promovida pelo escritor.

Através da experiência leitora e escritora é possível estabelecer relações entre as expectativas do ator social e a vida, o mundo e a realidade que o cerca. Os mecanismos utilizados nessa relação de expectativas versus realidades embasam a abordagem da educação científica, onde o conhecimento agregado ao valor cultural se torna revolucionário e inquerer da ciência seus valores éticos e biológicos. Isso extrapola o valor da leitura por alegria e diversão e recoloca a posição do escritor e do leitor como abalizadores da ciência.

Considerações

Um novo olhar sobre a ciência e o contexto do homem contemporâneo nos leva a reconsiderar o lugar da ficção científica. A ciência permeia, cada dia com mais intensidade, a vida sociocultural do homem pós-moderno através das mídias, dos livros e das redes sociais digitais. Nesse contexto, a literatura de ficção científica se constitui um espaço singular para a reflexão dos valores éticos da ciência e o questionamento do papel da ciência e da tecnologia em nossa sociedade.

Nessa direção, entendemos que a narrativa de ficção científica extrapola os limites da literatura fantástica e apresenta seus elementos a partir de preceitos da racionalidade ao gosto da ciência. Logo, o estranhamento da trama emerge de fatos do mundo real, suposições e possibilidades advindas com os desdobramentos das decisões tomadas no campo da ciência. Outra potencialidade é abordar uma possível fragilidade de uma teoria sustentada historicamente, de um erro humano e as alterações de uma constante física ou um conceito.

No que se refere ao lugar do escritor e do leitor da ficção científica abordamos o compartilhamento de significados como processo de atribuir fôlego de vida aos elementos da narrativa. O ato de escrita e leitura compõe um ciclo onde as nossas experiências pessoais se entrecruzam e criam novos sentidos, criados e recriados pela comunhão do espaço e da dimensão da ficção humana.

Nesse processo criativo, o escritor e leitor da ficção se autorizam a extrapolar o racional e os critérios de verificação do método científicos, para abordar com criticidade outras dimensões dos humanos, os aspectos estéticos, emocionais, sociais e culturais. Assim, a ficção científica pode agregar ao conhecimento científico os valores morais e éticos, sem os quais nos tornaríamos apenas organismos vivos.

Referências

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ECO, Umberto. *Sobre o espelho e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FERNEDA, Túlio. *A ciência em romances de ficção científica: leituras e caminhos para a educação em ciências*. 2015. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Educação, Ufscar, São Carlos, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2754?show=full>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

FRAKNOI, A. *Teaching astronomy with science fiction: a resource guide*. Astronomy Education Review, Tucson, v. 1, n. 2, p. 112-119, jul. 2002/jan. 2003.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

LUCIANO LEVIN (Campinas). Unicamp (Ed.). *Tudo é ficção científica*. 2014. Tradução de: Simone Pallone. Disponível em: <<http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=101&id=1238>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

PIASSI, Luís Paulo. A ficção científica e o estranhamento cognitivo no ensino de ciências: estudos críticos e propostas de sala de aula. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 19, n. 1, 2013, p. 151-168. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, Brasil.

PIASSI, Luís. Paulo. *Contatos: a ficção científica no ensino de ciências em um contexto sociocultural*. 2007. 453 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RICOUER, Paul. *Do texto a acção*. Porto: Rés editora, 1989.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. São Paulo: WMF, 2011.

ROBERTS, Adam. *Defining Science fiction*. In: Science Fiction. Routledge. London and New York, 2002.

SANTOS, Luiza Carolina dos. *Quando a leitura encontra a escrita: uma análise das relações estabelecidas na comunidade de ficção científica da plataforma Wattpad*. 2015. 185f. Dissertação (Mestrado) – Pós graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7548>>. Acesso em: 21 ago. 2018.